

Luto e melancolia

Autor: Sigmund Freud (Marilene Carone, trad.)

Editora: Cosac Naify, São Paulo, 2011, 144p.

Resenhado por: Pedro Heliodoro Tavares¹

A tradução de *Luto e melancolia* de Freud por Marilene Carone: luto por uma grande pioneira

Na língua portuguesa o vocábulo *luto* traz a interessante equivocidade entre o *substantivo*, que remete a “sentimento de tristeza profunda por motivo da morte de outrem” (Houaiss & Villar, 2001, p. 1794), e o verbo *lutar* flexionado na primeira pessoa do singular: *eu luto*. O trabalho de tradução de Marilene Carone de fato é fruto de uma *luta* na qual ela se colocou muito implicada como sujeito enunciativo. Se o luto de que Freud trata diz respeito a um *embate* psíquico, movido pela perda do objeto e uma necessidade de redirecionamento da libido, o trabalho de Carone tem muito de uma *luta*, um *combate* pela defesa do autor e de sua obra a partir de uma tradução que fizesse justiça à grandeza de seus escritos e de suas ideias.

Na década de 1980, no Brasil, já era lugar-comum reproduzir as críticas à *Standard Edition* inglesa de James Strachey, difundidas a partir da influência do freudismo francês e do livro *Freud and man's soul*, de Bruno Bettelheim (1983). Contávamos à época, afinal, como até o presente momento continuamos contando, somente com uma coleção de suas obras ditas completas elaboradas a partir da célebre versão inglesa. A edição *Standard Brasileira* parecia, logo, reproduzir os “pecados” dos *traduttore, tradittore* britânicos. Naquele momento surgiram, porém, as críticas de Carone acompanhadas das de Paulo César de Souza ao demonstrar em publicações para o caderno “Folhetim”, da *Folha de S.Paulo*, que “nossos” problemas, com a única e indireta versão disponível, eram bem mais graves.

Nas contundentes palavras da tradutora:

Na sua maioria, os erros da tradução brasileira nada têm a ver com os eventuais descaminhos da versão inglesa, nem são norteados por qualquer orientação filosófica particular. Trata-se pura e simplesmente de falta de competência e responsabilidade no trabalho intelectual. Com ela, temos a melancólica oportunidade de ver um escritor do porte de Freud falando como um personagem de filme dublado de televisão, cometendo erros crassos de português, usando uma linguagem retorcida e pedante, assumindo incoerências teóricas e às vezes fazendo afirmações inteiramente sem pé nem cabeça (Marilene Carone, 1985a/1989, p. 161).

Remetemos aqui o leitor à infelizmente esgotada publicação *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*, organizada por Souza (1989), na qual está disponível a trilogia de artigos de Marilene Carone: “Freud em português: uma tradução selvagem” (21/04/1985), no qual se aponta

¹ Psicanalista e Germanista, Professor da Área de Alemão: Língua, Literatura e Tradução da Universidade de São Paulo, autor de *Versões de Freud – breve panorama crítico das traduções de sua obra* (2011).

para os graves erros identificados na edição *Standard Brasileira* (Marilene Carone, 1985a/1989), seguido de “Freud em português: ideologia de uma tradução” (20/10/1985), em que aparecem os vieses interpretativos da indireta versão realizada pela *Imago* (Marilene Carone, 1985b/1989), e finalmente, “Freud em português: tradução e tradição” (23/01/1987), no qual se sinaliza para os desafios colocados diante de uma eventual nova tradução das obras de Freud a ser empreendida no Brasil (Marilene Carone, 1987/1989).

Marilene Carone falava, então, do trabalho que se propunha à época, confiante na possibilidade de realizar uma primeira publicação de traduções de Freud diretamente do alemão ao português em 1989, cinquenta anos após a morte do autor. Ficamos a par de sua empresa de tradução a partir do artigo do também tradutor e professor de filosofia da UNIFESP, André Medina Carone (2005), filho de Marilene. A intenção era, baseando-se no modelo da *Studienausgabe* (Edição de Estudos) alemã, elaborar cinco volumes temáticos. Deste projeto foram concluídas as traduções das *Conferências introdutórias*, além de dois artigos isolados: “A negação” e “Luto e melancolia”. Infelizmente, em 1987 surgem os primeiros sintomas da doença que levou a tradutora ao falecimento alguns meses mais tarde.

Na realidade, alterações na lei dos direitos autorais fizeram com que o domínio público sobre a obra do criador da psicanálise recaísse não mais cinquenta anos após seu falecimento, mas somente após setenta anos decorridos. No caso específico de Freud, isso se deu a partir de 1º de janeiro de 2010, primeiro dia do ano subsequente ao 70º aniversário de sua morte em 23 de setembro de 1939 (Lei 9.611/98). Foi este afinal o ensejo para o surgimento dos primeiros volumes de obras de Freud traduzidas diretamente do alemão há dois anos pela *Companhia das Letras*, de São Paulo, a cargo de Paulo César de Souza, e pela *L&PM* Porto Alegre, a cargo de Renato Zwick. Na verdade, em 2004, às vésperas de expirarem os direitos autorais, a então detentora *Editora Imago*, do Rio de Janeiro, iniciara um criterioso projeto de tradução a cargo de Luiz Alberto Hanns. Eis, portanto, o contexto em que surge também ao leitor brasileiro a primeira publicação em livro das traduções desta importante pioneira.

No recém-lançado belíssimo trabalho editorial realizado pela *Cosac Naify*, vemos uma ótima relação entre o trabalho gráfico e a funcionalidade do paratexto apresentando-se a uma concisa, mas paradigmática, obra de um dos mais importantes pensadores da cultura ocidental. O texto introdutório de Maria Rita Kehl, “Melancolia e criação”, contextualiza historicamente as ideias de Freud, resgatando uma história das “teorias dos humores” até o paradigma atual da “clínica das depressões”, mas parece concentrar sua principal contribuição na frase de abertura: “O mérito de um texto bem escrito é, sobretudo, ético: liberta o leitor” (Kehl, 2011, p. 9). Eis, afinal, o constante desafio ao tradutor.

Na sequência temos o privilégio de contar com o texto “Marilene Carone – tradutora de Freud”, de Modesto Carone (2011)², que escreve um importante ensaio testemunhal de quem pôde intimamente acompanhar o desenvolvimento do trabalho desta competente tradutora. Vale aqui destacar o fato de que Marilene era antes de tudo psicanalista, e que vivenciava o contato com a obra de Freud a partir de sua prática clínica. No entanto, em uma época em que a psicanálise se via muito dominada pela esterilidade de um discurso técnico-cientificista, Modesto Carone nos lembra que Marilene era, como o próprio Freud, uma pessoa fortemente interpelada pela cultu-

2 Jornalista, tradutor e escritor agraciado com o *Prêmio Jabuti* de 1999 na categoria romance. Seu trabalho de tradutor que mais lhe rendeu reconhecimento foi certamente o das obras de Franz Kafka para a *Cia. das Letras*. Modesto Carone foi professor de Literatura na Universidade de Viena no período em que Marilene frequentava suas aulas na faculdade de Medicina. Para muito além da relação conjugal, destacamos aqui a importante interlocução entre estes intelectuais brasileiros que gozaram de um íntimo contato com a língua e a cultura da Viena de Freud.

ra, pela erudição, aliando “experiência clínica a uma educação literária consistente” (Modesto Carone, 2011, p. 35). Somente assim pôde-se aliar seu “rigor conceitual” a um português “elegante, fluente e preciso” (p. 35). Fechando a edição, o leitor conta ainda com o belo texto “Uma ferida a sangrar-lhe a alma”, de Urania Tourinho Peres (2011), que enriquece o debate psicanalítico com grandes mestres da escrita em relação às temáticas do texto freudiano em questão.

Mas certamente que, para além do instigante paratexto, o que mais conta na edição é a possibilidade de contarmos com a “libertadora” tradução de Carone. Temos, aliás, com este importante fato de tradução pela primeira vez um texto de Freud em quatro versões oficialmente publicadas em língua portuguesa, o que em muito enriquece a discussão sobre os usos freudianos dos recursos da língua alemã em seu estilo e vocabulário, e suas possíveis transposições à língua portuguesa. A própria Carone faz questão de apontar em um apanhado de notas de tradução, “Discussão de algumas divergências” (Marilene Carone, 2011, p. 90-97), as opções alternativas que faz em relação à já existente tradução coordenada por Jayme Salomão. Em paralelo a esta importante contraposição, desde a tradução por ela realizada há mais de vinte anos, foram recentemente publicadas as versões de Luiz Alberto Hanns e a de Paulo César de Souza, nomes que polarizam os estudos e debates sobre a escrita de Freud e suas traduções desde o desaparecimento de Carone.

Em se tratando de um importante artigo de metapsicologia de Freud, valeria observarmos um quadro comparativo das soluções ali apontadas para alguns dos mais importantes conceitos/vocábulos de controversa tradução:

Freud	Jayme Salomão (<i>Standard Brasileira</i>)	Luiz Alberto Hanns (<i>Imago – nova edição</i>)	Paulo César de Souza (<i>Cia. das Letras</i>)	Marilene Carone (<i>Cosac Naify</i>)
<i>Trieb</i>	instinto	pulsão	instinto	pulsão
<i>Verdrängung</i>	repressão	recalque	repressão	repressão
<i>Ich</i>	ego	eu	eu	ego
<i>Besetzung</i>	catexia	investimento	investimento	investimento
<i>Gegenbesetzung</i>	anticatexia	contrainvestimento	contrainvestimento	contrainvestimento

No tocante à terminologia, a posição de Carone expressa no terceiro dos acima referidos artigos era a de levar em consideração a tradição quando possível e necessário, corrigindo distorções. Em sua opinião, o controverso recurso ao latim feito pelos tradutores ingleses, vertendo os pronomes *Ich* e *Es* por *Ego* e *Id*, era um caso de distorção não mais remediável, dada a grande influência da tradição. Ao mesmo tempo, apontava para a necessidade de uma correção na indução ao erro expressa na versão de *Trieb* por *instinto*, preferindo a tradição alternativa, de influência francesa, optando por *pulsão* (Marilene Carone, 1987/1989).

Diferentemente, portanto, da tônica recorrente quanto às opções terminológicas ao vocabulário metapsicológico, as críticas da tradutora na comparação de suas opções com as da *Standard Edition* e, sobretudo, com as da *Standard Brasileira* recaem sobre passagens baseadas em uma leitura equivocada ou que poderia conduzir o leitor ao erro. Um caso emblemático é o de quando Freud utiliza *indem er es beschimpft* (1917/1999) e é bem traduzido para o inglês por *abusing it*. Na tradução indireta obteve-se o falso cognato *abusando*, corrigido por Marilene por *insultando-o*. Exemplos semelhantes são coletados nos referidos artigos de 1985 e 1987.

Entretanto, se são numerosos os casos de um espelhamento inadequado em cognatos latinos, curiosamente são identificadas alterações quando os termos têm função conceitual no

vocabulário freudiano do texto-fonte alemão. É o caso de *Kompromiss*, vertido para o inglês por e deste ao português por *transigência*, sendo corrigido por *operação de compromisso* na tradução agora publicada. Lembremos aqui da importância conceitual de *Kompromissbildung* (formação de compromisso) em Freud. Caso semelhante é o de *regredieren*, adequadamente vertido por *regress* em inglês, e deste transformado em *retroceder* na versão indireta, ignorando-se com isso o valor da *Regression* como conceito freudiano na teoria da libido. Marilene aqui propõe o uso de *regredir*.

Mas certamente o caso mais emblemático da necessidade de uma tradução que alie o rigor conceitual à sagacidade nos usos da linguagem vem de um exemplo pinçado como paradigmático pelos tradutores de Freud à língua francesa (Bourguignon, Cotet & Laplanche, 1989, p. 18). Trata-se da passagem em que Freud joga com o “saber da língua” na comparação das *queixas-lamentos* (*Klagen*) do paciente com as *queixas-reclamação* visando reparo ou punição (*Anklagen*). Lembremos que em alemão *Angeklagte*, literalmente “queixado”, seria o termo para se referir ao *acusado* ou *réu* em um processo.

Para a construção *ihre Klagen sind Anklagen* (Freud, 1917/1999, p. 434), optou-se por *their complaints are really plaints* na *Standard Edition* (apud Marilene Carone, 2011, p.92) e por *leur plaintes sont des planites portées contre* na edição francesa da PUF (Freud apud Bourguignon et al., 1989). A equivocada solução da *Standard Brasileira* era *suas queixas são “queixumes”* (Freud, 1917/1996, p. 254). Hanns, em sua versão direta, optou por *seus lamentos e queixas [Klagen] são acusações [Anklagen]* (Freud, 1917/2006, p. 108). Já Paulo César de Souza, interlocutor de Carone, no referido caso utiliza a solução de sua colega e a credita em nota (Freud, 2010, p. 180). Eis a solução da tradutora “para eles queixar-se é dar queixa”. Como coloca André Carone, afinal, se na busca pela fidelidade o lema adotado pela tradução francesa foi “jamais perder a pista do significante”, o de Marilene parece ter sido “afastar-se da letra para aproximar-se da fala” (André Carone, 2005, p. 452). Deixemos, pois, que Freud, mestre da escuta, se faça escutar em língua portuguesa na rigorosa fluência dessa competente “intérprete”.

Referências

- Bettelheim, B. (1983). *Freud and man's soul*. Nova Iorque: Knopf.
- Bourguignon, A., Cotet, P. & Laplanche, J. (1989). *Traduire Freud*. Paris: PUF.
- Carone, André M. (2005). Notas sobre o trabalho de Marilene Carone. In E. Fischer, E. Glenk & S. Meireles (Orgs.). *Blickwechsel – XI. ALEG-Kongress 2003 – Akten: Band 3*. São Paulo: EDUSP.
- Carone, Marilene. (1989). Freud em português: uma tradução selvagem. In P. C. Souza (Org.), *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1985a).
- Carone, Marilene. (1989). Freud em português: ideologia de uma tradução. In P. C. Souza (Org.), *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1985b).
- Carone, Marilene. (1989). Freud em português: tradução e tradição. In P. C. Souza (Org.), *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1987).
- Carone, Marilene. (2011). Discussão de algumas divergências. In S. Freud, *Luto e melancolia*. (M. Carone, trad.). São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1917).
- Carone, Modesto. (2011). Marilene Carone tradutora de Freud. In S. Freud, *Luto e melancolia*. (M. Carone, trad.). São Paulo: Cosac Naify.
- Freud, S. (1996). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, coord. trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1999). Trauer und Melancholie. In S. Freud, *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag. (Trabalho original publicado em 1917).

- Freud, S. (2006). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. (L. A. Hanns, coord. trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras completas*. (P. C. Souza, trad.). São Paulo: Cia. das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na cultura*. (Renato Zwick, trad.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2011). *Luto e melancolia*. (M. Carone, trad.). São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1917).
- Houaiss, A. & Villar, M. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kehl, M. R. (2011). Melancolia e criação. In S. Freud, *Luto e melancolia*. (M. Carone, trad.). São Paulo: Cosac Naify.
- Peres, U. T. (2011). Uma ferida a sangrar-lhe a alma. In S. Freud, *Luto e melancolia*. (M. Carone, trad.). São Paulo: Cosac Naify.
- Souza, P. C. (Org.). (1989). *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense.
- Tavares, P. H. (2011). *Versões de Freud: breve panorama crítico das traduções de sua obra*. Rio de Janeiro: 7Letras.

Pedro Heliodoro Tavares
Departamento de Letras Modernas (DLM-FFLCH-USP)
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403
05508-900 São Paulo, SP
pht@usp.br